

FRAGMENTOS POÉTICOS DE CATITU TAYASSU

Catitu Tayassu*

DIÁLOGO SOBRE AS CORES...

- Pai, porque há brancos, negros e vermelhos?

Porque, um dia, sem graça, Deus sentiu o peso da fastidiosa rotina celeste. Ele reuniu anjos, arcanjos e querubins e, como passatempo, decidiu colorir a Criação.

Os serafins apresentaram Deus com três cores distintas, mas por descuido o Espírito Santo abriu suas asas e os potes de tinta atravessaram as nuvens, deitaram, recobrindo os Homens das cores preta, branca e a encarnada.

Porém, no Princípio, Deus, tivera a brilhante ideia de misturar as cores... Como todo inventor, Deus também se interessa pelas experiências. No plano da Criação, homens e mulheres seriam coloridos, segundo as misturas criadas no vasto laboratório divino.

Porém, deu no que Deus não deu!

- E o amarelo, pai?

Ah! Essa foi a arte do Cristo! Ele chutou um pote contra o malfeito da pomba branca e o resto você bem imagina!

- Pai é verdade essa história?

Não meu filho, claro que não! Se eu lhe contasse como os Homens explicam as diferenças, logo, entenderia como é fácil aceitar os mistérios da santíssima trindade, pois o mais difícil é compreender os combates humanos contra a diversidade.

(Excerto - *Um banho de chuva*: ou elogio à loucura, Catitu Tayassu, 2012)

* Catitu Tayassu, catitu.tayassu@gmail.com - Doutora em Ciências da Educação (Brasil). Pós-doutora em História, História Cultural e Antropologia (França/Bélgica). Pesquisadora Associada ao Centro de Estudos Africanos em Paris e ao Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias, UNIRIO. Fundadora da Associação Internacional Pour la Vie Ailleurs & Maintenant. Diretora do Banco de Dados e Plataforma Web - Voices/Vozes - pela promoção dos povos e o desenvolvimento das línguas e culturas. Responsável pelas Performances Sons e Arbres destinadas à Biodiversidade e ao Desenvolvimento Pessoal.

NADA POSSUO...

Eu não tenho um pedaço de nuvem, nem vento guardado, nem chuva-de-cajueiros e, quiçá, chuva-de-santa-luzia.

Quem me vende um litro de orvalho? Quem possui um arco-íris? Quem comprou os Himalaias? Quem numa escritura passada tem a posse de Saturno ou de Sírius? Quem governa a lua cheia e a nova e, no bolso, guarda a Estrela d'Alva?

Vim vazio e volto leve.

Eu não tenho terra, gleba ou torrão.

Não vivo num país. Não pertencço a nenhum continente.

Não comprei meu pedaço de terra e não sou um território em leilão.

Meu país reside onde o sol beija o chão e no começo da manhã inicio com o mundo.

O meu maís tem raiz ou rizma por tantas muitas línguas.

Meu território, o meu corpo.

Minha pátria, a minha alma.

Meu lugar, o meu espírito.

Minha origem acompanha o amanhecer das culturas e o entardecer dos povos.

Sou semente. Sou árvore. Sou viandante. Sou nômade e retirante. Sigo de exílio em exílio e mais livre do que os assentados.

Como qualquer passageiro, errante ou sedentário, atravesso o fino fio entre a vida e a morte.

(Excerto - *Díáspora Afro-Ameríndia: resistência e alteridade no Brasil*, Catitu-Tayassu, 2012)